

INSTRUMENTOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA DA AMÉRICA LATINA: A CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL PARADIDÁTICO

Thays Feydit Almeida¹
Gustavo Siqueira da Silva²

Resumo

Este artigo é um fragmento que compõe o Projeto de Pesquisa e Iniciação Científica, intitulado “**Instrumentos para o Ensino de Geografia da América Latina**”, que tem como objetivo principal, a organização e a construção de um material paradidático, que dê suporte às aulas de Geografia da América Latina, disciplina ministrada no quarto período do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense Câmpus Centro.

O recorte selecionado para este momento circunda o debate sobre o Conceito de América Latina e sua suposta identidade, e ainda pretende analisar a criação de materiais paradidáticos a partir de olhares opostos, com ênfase na sua importância no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: América Latina, Material Paradidático, Ensino de Geografia.

Introdução

Fazer uma análise do conteúdo relacionado ao saber Geográfico, a cerca da América Latina, é fundamental para se compreender a carência de instrumentos paradidáticos comprometidos com o saber científico, que abordem temáticas próprias do espaço latino-americano, com mais dinamismo e interatividade, portanto, com o intuito de sanar essa ausência, surge a ideia da construção de um material que uma compilação de textos já existentes (de outros autores); textos produzidos por atores envolvidos na pesquisa; mapas digitalizados; banco de dados gerais; tudo isso para seja possível a construção de um material mais completo, que supra a necessidade, com uma perspectiva teórico-metodológica ancorada em uma visão crítica acerca dos espaços produzidos e reproduzidos na América Latina, bem como, elementos de sua expressão geográfica fragmentada e de suas possibilidades de unidade.

¹ Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. E-mail: Thays.Feydit@gmail.com

² Mestre em Geografia pela Universidade de Santa Maria - Professor do Instituto Federal de Educação, E-mail: Ciência e Tecnologia. E-mail: gutmicisa@yahoo.com.br

A princípio esse material servirá de apoio aos graduandos da Licenciatura em Geografia no IFF e conseqüentemente em outras escolas, de nível superior, médio e básico.

Atualmente os textos trabalhados nessa disciplina são fragmentos de livros que abordam pontos específicos, mas não completam em sua totalidade o que precisar-se-ia trabalhar durante o semestre, dificultando assim, a ideia de uma unidade latino-americana.

Além do debate acerca dos conceitos fundamentais para realização do Projeto como um todo, existe também a parte prática que neste momento, apresenta-se na forma um mapa interativo digitalizado que traz as principais características de cada país latino-americano, com uma linguagem coloquial sem perder as características técnicas necessárias à produção de um projeto científico.

Identidade Latino-americana

É necessária a nitidez a respeito de que América Latina será estudada, durante a Pesquisa. Entende-se como inoportuno, delimitar simploriamente a coincidência linguística, que a maior parte das vezes, de uma forma genérica delimita o Espaço latino-americano, responde a isso o fato da porção leste canadense que tem como língua oficial o Francês, não fazer parte dessa porção latino-americana.

Se é para se ter em conta o aspecto linguístico-cultural, por que não uma outra denominação que expresse como unidade este amalgama entre os segmentos ameríndios, africanos e ibéricos? Enfim, só podemos entender a colagem do nome América Latina à delimitação de uma dada realidade geográfica a partir dos percalços vividos por este território ao longo de sua história política e econômica. (OLIVEIRA, 1998, p.227)

Ainda neste seguimento, como deixar de lado países como Belize e a Guiana que têm como língua oficial o inglês e estão diretamente ligadas a uma lógica político-econômica “latino-americana”? Dessa maneira, um dos primeiros passos em nossa pesquisa, foi listar os países que entendemos como latino-americanos; acompanhe na tabela a seguir.

Países que compõem a América Latina³					
PAÍS	CAPITAL	ÁREA km²	POPULAÇÃO (est. 2012)	IDH (2011)	DENSIDADE hab./km²
Argentina	Buenos Aires	2.780.092	41.118.986	0,797 (45º lugar)	14,79051269
Belize	Belmopan	22.965	324.292	0,699 (93º lugar)	14,12114087
Bolívia	La Paz	1.098.581	10.248.042	0,663 (108º lugar)	9,3284355
Brasil	Brasília	8.514.876	198.360.943	0,718 (84º lugar)	23,29581112
Chile	Santiago	756.096	17.423.214	0,805 (44º lugar)	23043,65319
Colômbia	Bogotá	1.141.748	47.550.708	0,710 (87º lugar)	41,64728819
Costa Rica	San José	51.100	4.793.725	0,744 (69º lugar)	93,81066536
Cuba	Havana	110.922	11.249.266	0,776 (51º lugar)	101,416004
El Salvador	San Salvador	21.041	6.264.129	0,674 (105º lugar)	297,7106126
Equador	Quito	272.045	14.864.987	0,720 (83º lugar)	54641,64752
Guatemala	Cidade da Guatemala	188.889	15.137.569	0,574 (131º lugar)	80,14002404
Guiana	Georgetown	215.083	757.623	0,633 (117º lugar)	3,52246807
Haiti	Porto Príncipe	27.400	10.255.644	0,454 (158º lugar)	374,2935766
Honduras	Tegucigalpa	112.088	7.912.032	0,625 (121º lugar)	70,58768111
Jamaica	Kingston	10.991	2.761.331	0,727 (79º lugar)	251,2356473
México	Cidade do México	1.972.547	116.146.768	0,770 (57º lugar)	58,88162259
Nicarágua	Manágua	130.682	5.954.868	0,589 (129º lugar)	45,56762217
Panamá	Cidade do Panamá	75.517	3.624.991	0,768 (58º lugar)	48,00231736
Paraguai	Assunção	406.752	6.682.943	0,665 (107º lugar)	16,43001878
Peru	Lima	1.285.216	29.733.829	0,725 (80º lugar)	23,13527765
República Dominicana	Santo Domingo	48.442	10.183.339	0,689 (98º lugar)	210,2171463
Suriname	Paramaribo	163.820	534.175	0,680 (104º lugar)	3,260743499
Uruguai	Montevidéu	176.215	3.391.428	0,783 (48º lugar)	19,24596657
Venezuela	Caracas	916.445	28.890.694	0,735 (73º lugar)	31,52474398

³ Tabela produzida com dados oficiais da ONU 2011; 2012.

O termo “latino-americano” é amplo e se sujeita a interpretações distintas, há quem diga que essa “expressão” forjada para dar cara a um povo desconectado e sem identidade, não o identifica; há também, quem não se sinta parte desse povo, construído a partir de uma colonização dura, preocupada em explorar e culpada por misturar etnias sem nenhuma ligação anteriormente comprovada; muito disso é inegável, como podemos ver em OLIVEIRA (1998, p. 226):

Em diferentes momentos, tanto Márcio Souza quanto Jorge Amado são unânimes em recusar a denominação “latino-americana como referência que confere uma identidade própria à produção literária de uma dada área geográfica chamada América Latina. Para Souza, o termo “latino-americano pode servir como paliativo para as más consciências, ocultando a diversidade político-cultural concernente ao continente americano e no alojar num gueto geopolítico. Não é sem razão que o autor chama a atenção para os limites e ambiguidades da expressão que tem sua origem forjada nos projetos de expansão imperialista do século XIX.

Mas como negar também, que essa miscigenação deu realmente uma nova identidade ao povo que de fato habita essa região?

De um lado, quando a América Latina se torna europeia produz uma combinação inédita na história mundial. A chegada de homens, de árvores de animais de todos os continentes, produzindo um novo tipo de espaço na superfície da terra é na realidade, a produção de um mundo em um lugar diferente. Lugar que, para os seus novos formadores, seria a ocasião de um estranhamento e, por conseguinte, a possibilidade de criação de algo realmente novo. (Santos, 1996)

Falar de um povo latino-americano pode ser encarado de muitas formas distintas, neste momento destacaremos duas: a primeira delas trata-se de um pertencimento, de um reconhecimento de fazer parte de um todo, um misto de crenças comuns, costumes provindos de povos irmãos, políticas e economias marcadas pela colonização europeia, que se unem em territorialização singular e fronteiriça; que se distingue do Norte do continente, que exala um ar de superioridade e marginaliza tudo que está a baixo dele - cartograficamente contestável – mas é assim, que se vê o povo e que se comporta os governantes dos países do Centro/Sul

Americanos. Outro olhar, e ainda mais comum, vai de encontro ao primeiro, é o que constrói um grupo de países periféricos, que são culturalmente e cientificamente menosprezados, que se percebe economicamente dependente. Como diz Lemos, Silveira e Arroyo (2006, p.11),

É assim que nos defrontamos com um problema ao mesmo tempo antigo e atual: interpretar a América Latina a partir dela própria. Não recusamos o olhar estrangeiro. Nossos mestres o fizeram com rigor e beleza e, com eles, construímos uma geografia generosa. Mas rejeitamos olhares alheios, aqueles fundados em teorias e conceitos que não se inspiram nas nossas realidades periféricas, mas as tomam como meros exemplos, incompletos do que se passa no centro do mundo.

É sabido que ao tratar os países da chamada América Latina como parte de um todo, corre-se o risco de unir partes diferentes desconexas e conflitantes, tanto no que diz respeito aos princípios políticos, morais, religiosos e econômicos, porém faz-se necessário unir esse mosaico de diversidades, para compreender o que se formou no passado, o que vem se construindo em fase de globalização e o que realmente permanecerá desse bloco subjulgado inferior e ao mesmo tempo próspero.

Desse modo, a ausência de uma identidade própria “latino-americana” não nega necessariamente a existência de uma unidade. Enquanto uma dada realidade socioespacial ela pode ser diversa e plural e a sua diversidade e pluralidade constituir-se numa unidade como colorário de um processo histórico. (OLIVEIRA, 1998, p.228)

Por tanto, não compete a esse artigo, findar o debate a cerca da América Latina, nem mesmo delimitar um único conceito a ser trabalhado ao decorrer da pesquisa; o que aqui se propõe é um debate a fim de desvelar o senso-comum e aprofundar geograficamente as relações dadas nessa região, buscando uma proximidade entre os agentes dessa delimitação.

A Relevância de Construir um Material Paradidático

Entende-se como Material Paradidático, todo aquele instrumento midiático, interativo ou não, com fundamento científico, que de forma coloquial traz clareza à um assunto específico de

uma determinada área; BENETI (2008, p.22) aponta o Livro Paradidático sob uma ótica editorial como um livro comercial, sem compromisso com a formalidade científica, que tem como objetivo trazer informações sobre a Ciência de forma descontraída e informal, cita ainda, TONI, FICAGNA (2006) que partilham de uma ideia mais acadêmica em relação aos materiais paradidáticos, atribuindo-lhes a função de motivar o aluno em relação ao tema abordado de forma contextualizada. MUNAKATA (1997, p.103) define o Livro Paradidático da seguinte forma:

Livros paradidáticos talvez sejam isso: livros que, sem apresentar características próprias dos didáticos (seriação, conteúdo segundo um currículo oficial ou não etc.), são adotados no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, seja como material de consulta do professor, seja como material de pesquisa e de apoio às atividades do educando, *por causa da carência existente em relação a esses materiais.*

É justamente essa carência apontada por MUNAKATA que motiva esta Pesquisa, a falta de instrumentos específicos sobre Geografia da América Latina, voltados tanto para o ensino superior quanto para o ensino básico, não se trata de uma carência em relação a artigos científicos nem tão pouco de livros que tratem a América Latina como alvo de discussão geográfica, mas sim a necessidade de se fazer um debate de forma unificada e de fácil compreensão, sem diminuir a complexidade do tema, mas dando leveza e interatividade aos fatos que não são isolados, mas que historicamente são tratados como tal.

O que torna o Livro Paradidático diferente do Livro Didático é basicamente, sua disposição gráfica, a linguagem objetiva, o recorte temático, e ainda a tentativa de atrair a atenção do leitor para o tema de forma irreverente e concisa. Esse recurso de nenhuma forma substitui o papel fundamental do Professor no processo de ensino-aprendizagem, tendo como encargo exclusivamente o auxílio e a mediação dos conteúdos de cada disciplina.

Mesmo numa fase de acelerado avanço tecnológico, ainda hoje, os Livros Didáticos são ferramentas fundamentais e norteadoras em vários momentos da Educação Brasileira, sendo assim, não cabe a esse Projeto minimizar sua relevância mediante ao processo de ensino generalizado nem específico de Geografia. Portanto, contribuir com o processo educacional do Brasil de forma científica, crítica, a ainda acompanhando o desenvolvimento comunicativo dos

dias de hoje, é o principal desígnio desta pesquisa, sem que se perca o foco das necessidades urgentes.

Considerações Finais: Um novo olhar para América Latina.

A América Latina, sempre teve um papel importantíssimo no cenário mundial, sua história inicia-se com uma carga de importância elevadíssima, e ainda hoje se encontra presa às amarras do período colonial. Mas isso não a torna menor diante do cenário mundial. É necessário construir uma América Latina de dentro para fora, que tenha registrada sua identidade, a partir de suas conquistas, suas culturas e suas necessidades.

É extremamente relevante, que se debata a América Latina do Sul, do Centro, do Norte, mas é primordial que esse debate seja preocupado com que realmente acontece em cada país, com que relações esses países se aproximam ou se afastam, só assim, será realmente viável falarmos de uma “Geografia da América Latina” real, sem ditames externos e sem rejeição ao nome que lhes é dado.

Portanto, afirma-se a importância de construir materiais de apoio à ciência, que de fato esteja comprometido com essa América Latina, e que se proponha em romper com os métodos tradicionais de ensino, agregando dinamismo e interatividade dos conteúdos de forma que acompanhe o desenvolvimento informacional e intelectual da atualidade.

Referências

ASSIS, Alice. Leitura, **argumentação e ensino de física: análise da utilização de um texto paradidático em sala de aula**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, 2005;

BENETI, Alysson Cristiano. **Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru;

LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mónica (orgs.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, 2006;

Indicators on Population. In United Nations Statistics Division. Demographic and Social Statistics. Statistical Products and Databases. Social Indicators, 2012. Acesso em: fev.2013;

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo;

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. **A América Latina: Legado socioespacial e globalização**. In: HAESBAERT, Rogério. (Org.). Globalização e Fragmentação no Mundo contemporâneo. Niterói: Ed UFF. 1998;

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PANGANELI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2007;

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2011. United Nations Development Programme (UNDP), Oxford, Nova York – 2011;

SANTOS, Milton. **Por uma epistemologia existencial**. In: LEMOS, A.; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (org.) **Questões territoriais na América Latina**. São Paulo: Clacso, 2006b;